

## *A voz do leitor em Cartas à Redação: Uma abordagem contextual*

### RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa que investigou como o gênero *carta do leitor* funciona no universo midiático impresso. A pesquisa teve como objetivo descrever e analisar *cartas do leitor*, a partir de uma análise contextual-enunciativa. Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa são de natureza predominantemente qualitativa, respaldada por dados quantitativos relativos às recorrências, a partir da análise de um *corpus* – constituído de 237 exemplares autênticos do gênero – colhido do *Jornal do Commercio* de Pernambuco, durante o primeiro semestre do ano de 2010. Os fundamentos teóricos do trabalho assentam-se nos estudos sobre gêneros, por meio da contribuição de Bakhtin (1998; 2003), Swales (1990; 2009), Miller (2009), Marcuschi (2008; 2010), dentre outros. Os resultados revelaram que os processos de produção, edição e recepção desse gênero são complexos, visto que várias questões socioideológicas estão aí embutidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carta do leitor. Esfera jornalística. Abordagem contextual.

Valfrido da Silva Nunes  
[fridoval@hotmail.com](mailto:fridoval@hotmail.com)

Universidade Federal do Alagoas, Maceió,  
Brasil.

## INTRODUÇÃO

Este artigo discute parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, realizada a partir da análise de um *corpus* constituído de *cartas do leitor* coletadas no *Jornal do Commercio* (JC) de Pernambuco, durante o primeiro semestre do ano de 2010. Aliás, trata-se de uma reflexão sobre a “prosa do dia-a-dia”, no sentido bakhtiniano; ou seja, uma observação sobre o funcionamento real da linguagem humana, sob as lentes da ciência, a partir de um recorte autêntico de um gênero que se faz presente nas práticas linguageiras da contemporaneidade. A escolha da temática justifica-se em razão de a *carta do leitor*, sendo um gênero opinativo, figurar como um artefato cultural eficaz para manifestar pontos de vista, propiciando aos seus usuários, de alguma forma, o direito de materializar o seu querer dizer e, por outro lado, fazer-se ouvir, além de instigar-lhes a participar do debate público, como forma de exercício da cidadania nas sociedades ditas democráticas. Ademais, um estudo dessa natureza traz subsídios, de alguma forma, para o ensino desse gênero na escola, pelo fato de oportunizar discussões acerca da linguagem humana, na modalidade escrita, em práticas sociais de interação verbal, numa sociedade grafocêntrica como a nossa.

Diante disso, a pesquisa teve como um de seus objetivos descrever e analisar *cartas do leitor*, focalizando alguns de seus componentes enunciativo-discursivos. Nesse sentido, abordamos os processos de produção/edição/recepção do gênero, que consolidam as relações de poder entre mídia e leitor, bem como suas implicações ideológicas e manipuladoras aí subjacentes. Na verdade, a descrição e a análise de gêneros hoje têm se tornado uma atividade cada vez mais interdisciplinar. Não é sem propósito que Marcuschi (2008) já dizia que a análise de gêneros é uma atividade que encapsula uma descrição da língua em uso, uma análise do texto e do discurso<sup>1</sup>, inclusive respondendo a questões de natureza sociocultural. O marco teórico do trabalho parte principalmente dos estudos sobre gêneros, a partir dos postulados de Bakhtin (1998; 2003), Swales (1990; 2009), Miller (2009), Marcuschi (2008), dentre outros. Não obstante os lugares teóricos de cada um desses autores, há de se concordar que existe uma coerência entre eles, especialmente no que tange à visão de que os gêneros estão imbricados às atividades sociais e de que eles se situam num contínuo jogo de forças entre estabilidade e variação (NUNES, 2017a).

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza predominantemente qualitativa, respaldada por dados quantitativos relativos às recorrências, uma vez que o foco é a apreciação e a interpretação dos dados coletados, a partir das análises de um *corpus* constituído por 237 exemplares autênticos do gênero *carta do leitor*, coletados do *Jornal do Commercio* de Pernambuco, no período cronológico de 20/03/10 a 20/04/10. Os resultados revelaram que a *carta do leitor* é um gênero bastante heterogêneo, especialmente do ponto de vista dos seus propósitos comunicativos. A análise dos dados mostrou também que os processos de produção, edição e recepção desse gênero são complexos, visto que várias questões socioideológicas estão aí embutidas.

## 1. APORTE TEÓRICO: ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Nesta seção, discutimos, do ponto de vista filosófico, a contribuição seminal do Círculo de Bakhtin (1976; 1998; 2003; 2009), que redimensionou a noção de gêneros discursivos, deslocando-os de campos mais específicos da cultura humana – tais como os Estudos Literários e a Retórica Clássica – para toda e qualquer esfera da comunicação humana, reconhecendo-os como *tipos* maleáveis que não se prendem a uma classificação estanque. Na sequência, discorreremos sobre as abordagens de Swales (1990; 2009) e Miller (2009), que tomam os gêneros como construtos retóricos recorrentes em situações comunicativas reiteradas, bem como tecemos algumas considerações acerca da abordagem de Marcuschi (2008; 2010).

Bakhtin, filósofo russo, é autor<sup>2</sup> de uma teoria em cujo âmago estão a visão dialógica e a visão discursiva da linguagem acima de qualquer terminologia. Com efeito, a noção de língua na perspectiva bakhtiniana refere-se à língua viva, que acontece na interação verbal entre os sujeitos do discurso. É, portanto, *dialógica* e atravessada pela ideologia. Como *reflete* e *refrata* a realidade, a língua é tão heterogênea e complexa tanto quanto as relações humanas. Segundo o autor,

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica (BAKHTIN, 1998, p. 81, grifos no original).

De fato, concordando com Marcuschi (2008, p. 152) que “Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem”, entendemos que, efetivamente, “a língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 131-132, grifos no original).

Partindo dessas premissas, é fundamental ressaltar também que Bakhtin não criou o conceito de gênero, pois já se discutia gêneros desde a Antiguidade Clássica, na Literatura e na Retórica. Entretanto, como disse Faraco (2003, p. 112), os estudos anteriores “privilegiavam as formas em si e chegavam a operar normativamente sobre sua reificação”. Portanto, depreendemos que as abordagens feitas eram de cunho estrutural, sem levar em consideração a historicidade e a maleabilidade dos gêneros.

Assim sendo, uma das grandes contribuições de Bakhtin (2003, p. 262, grifos no original) foi reconhecer que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Dessa forma, Bakhtin ensina-nos a ver os gêneros como construtos dinâmicos, ao mesmo tempo em que se mostram equilibrados, incluindo aí toda e qualquer forma de discurso, inclusive os gêneros do cotidiano. Bakhtin e Volochínov (2009, p. 44) chegam a afirmar que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica.” Vemos, por conseguinte, que Bakhtin não trata os gêneros de forma estanque;

contrariamente, embora reconheça certa padronização em função da recorrência, o autor deixa claro que eles são flexíveis, assim como dinâmica é a vida (NUNES, 2017d).

Essa noção de gênero com relativa estabilidade – ou *equilíbrio instável* – provocou uma ruptura com a perspectiva formalista, elucidando que os gêneros não são enrijecidos, porém têm fronteiras muito tênues entre si, chegando mesmo a fundirem-se, o que justifica a *hibridização* e a *transmutação* dos gêneros discursivos. É válido sublinhar ainda que, sob esse prisma, o gênero discursivo é a “unidade real da comunicação discursiva” (e não a palavra ou a oração isolada), pois sem ele a comunicação humana certamente ficaria comprometida. Segundo Bakhtin, “se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez em cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível” (BAKHTIN, 2003, p. 283). O autor afirma que aprendemos uma língua por meio de gêneros; por isso, não basta apenas dominar as formas da língua. Aliás, “muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas” (BAKHTIN, 2003, p. 284). Chama a atenção, também, o fato de os gêneros surgirem de necessidades comunicativas específicas dentro dos múltiplos campos da interação discursiva, o que traz à tona a relação intrínseca entre discurso e práticas sociais.

A bem da verdade, torna-se necessário frisar que, além de Bakhtin, diversos autores discutem gêneros, a exemplo de Swales (1990; 2009), Miller (2009), Marcuschi (2008; 2010), dentre outros. A proposta de Swales (1990) – especialmente voltada para gêneros do mundo acadêmico – tem contemplado gêneros variados, considerando tanto seus aspectos formais, quanto os discursivos. Sua perspectiva teórica traz à baila o conceito de *propósito comunicativo* como um aspecto relevante para a constituição do gênero. Aliás, nessa concepção, o gênero deve ser tomado como “uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero” (SWALES, 1990, p. 58). Entretanto, convém sublinhar que “os propósitos, objetivos ou resultados públicos são mais evasivos, múltiplos, sobrepostos e complexos do que originalmente concebidos” (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 223). Com essa afirmação, os autores estão assumindo que o(s) propósito(s) comunicativo(s) de um gênero não pode(m) ser compreendido(s) como algo dado *a priori*, mas somente identificado(s) depois de um refinamento da análise com base no entorno social do gênero. Em outros termos, “o propósito comunicativo de um gênero equivale às finalidades para as quais os textos de um mesmo gênero são mais recorrentemente utilizados em situações também recorrentes” (Alves Filho, 2011, p. 34).

Para Miller (2009), o gênero deve ser visto como *ação social motivada por uma situação retórica recorrente*. Essa visão traz sobre si as influências da Nova Retórica e do pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin, prioritariamente no que respeita aos gêneros do discurso, em virtude da natureza constitutivamente dialógica da linguagem. Assim, Miller (2009, p. 22) enfatiza que “uma definição retoricamente válida de gênero precisa ser centrada não na substância ou na

forma de discurso, mas na ação que é usada para sua realização.” Em outras palavras, a abordagem da autora vai muito além da exploração do conteúdo e da forma do gênero, ao passo que aponta em sua definição para critérios pragmáticos. A partir dessa ótica, os gêneros são tomados como “artefatos culturais” que constituem uma classe aberta, com novos membros evoluindo, velhos membros decaindo (MILLER, 2009, p. 25), o que justifica sua natureza instável. As noções de recorrência e ação retórica são consideradas, pois, basilares nessa concepção, porquanto “o gênero, dessa maneira, torna-se mais que uma entidade formal; ele se torna pragmático, completamente retórico, um ponto de ligação entre intenção e efeito, um aspecto da ação social” (MILLER, 2009, p. 24). Fundamental também na teoria da referida autora é o conceito de *situação retórica*, já que elas são recorrentes. Nesse sentido, entende-se por situação retórica um conjunto de elementos que envolvem um problema a ser resolvido, por meio da interlocução entre os sujeitos envolvidos – orador e audiência –, levando-se em conta as restrições e as delimitações impostas pelas regras que governam a sociabilidade.

Marcuschi (2008, p. 147), numa perspectiva sociocognitivista, já dizia que diz que “o estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda”, esclarecendo que “seria uma gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais”, pois já se discutia gêneros desde a Antiguidade Clássica, na Literatura e na Retórica. Nesse prisma, procuramos enfatizar que a arquitetura de um gênero nunca deve se dissociar do seu projeto enunciativo, pois, como disse Marcuschi (2008, p. 155-156), “não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas (...). Eles são parte integrante da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela”.

Uma contribuição relevante dos estudos de Marcuschi (2010) diz respeito ao fato de o autor situar os gêneros dentro de um *continuum* tipológico, defendendo que gêneros orais e gêneros escritos não devem ser vistos de forma dicotômica. Além do mais, o autor discute a noção de *retextualização*, entendida como um processo de produção de um novo texto a partir de texto(s) já existente(s). Assim sendo, o fenômeno da retextualização configura-se como uma ação linguageira orientada por outras condições de produção diferentes daquelas do(s) texto(s)-base. Esse, possivelmente, é o cerne da ação de retextualizar, pois daí advém a possibilidade de haver mudança de modalidade linguística, mudança de gênero textual e implicações no plano da intertextualidade e da interdiscursividade. No dizer do autor, “toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra” (MARCUSCHI, 2010, p. 48). Portanto, se a retextualização está tão presente nas nossas práticas linguageiras e se tudo que dizemos o fazemos retomando o que já foi dito por outros, podemos sustentar que a retextualização é um fenômeno constitutivo dos usos da linguagem.

## 2. APARATO METODOLÓGICO

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza predominantemente qualitativa, respaldada por dados quantitativos relativos às

recorrências, uma vez que o foco é a apreciação e a interpretação dos dados coletados, a partir das análises de um *corpus* constituído de 237 exemplares autênticos do gênero *carta do leitor*, coletados do *Jornal do Commercio* de Pernambuco, no período cronológico de 20/03/10 a 20/04/10. A bem dizer, a pesquisa qualitativa

recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Reiteramos que a pesquisa em tela é de natureza predominantemente qualitativa, uma vez que, embora recorramos a quantificações estatísticas como forma de sistematização dos dados, as análises em si são de natureza interpretativa. De fato, trata-se de uma análise documental de um *corpus* constituído de *cartas do leitor* que circularam no jornalismo impresso. Esse método de coleta de dados é importante porque, segundo Lüdke e André (1986, p. 38), “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É certo que os elementos contextuais e enunciativos de um gênero são fundamentais para visualizarmos o entorno que lhe subjaz, porquanto, como afirmam Voloshinov e Bakhtin (1976, p. 4-5), “na vida, o discurso verbal é claramente não autossuficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação”. Assim, as chamadas condições de produção do discurso lançam luzes para que possamos refletir sobre quem produz a carta do leitor, quem a edita, com quais finalidades ela é produzida e como esse gênero circula socialmente.

De fato, convém destacar que a carta do leitor é um gênero pertencente à esfera jornalística; em termos específicos, trata-se do chamado *jornalismo opinativo*, conforme Melo (2003), pois leitores de jornal enviam cartas à redação no intuito de manifestarem suas opiniões, como forma de participação no debate público. Chama atenção, na carta do leitor, o diálogo que se estabelece entre esse gênero e as demais ações languageiras que a ela se conectam, constituindo a cadeia ininterrupta da comunicação discursiva, de que falaram Bakhtin e Volochínov (2009). Os fragmentos a seguir ilustram a interlocução entre dois missivistas no espaço do jornal, corroborando a ideia de que os gêneros são

produzidos como respostas ativas, numa perspectiva dialógica, com a finalidade de responder a necessidades comunicativas específicas e situadas.

Figura 1 – Carta do leitor em que se faz crítica política

Na ânsia de apresentar sua candidata e mostrar serviço que não realizou em sete anos de governo, o presidente Lula, respaldado por uma formidável aprovação popular, usa e abusa de ações com perfil exclusivamente eleitoreiro. Daí, por vezes, se dar mal. A malsinada inauguração da fábrica de dormentes e brita – as maiores do mundo segundo a conotação petista – que não tiveram suas obras se quer iniciadas e de um trecho inacabado da inexistente Transnordestina – é um exemplo do açodamento demagógico que reveste todas as suas ações. (...). **Fernando Spanghero** – Recife – ferspan@uol.com.br

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 03 abr. 2010.

Figura 2 – Carta do leitor como réplica dialógica

Alguns missivistas, notadamente, opositores do governo Lula, vem constantemente usando este espaço para criticar o governo mais popular que o Brasil já teve. Será que eles não sabem que o governo vem encarando na investigação e com disposição de resolver todos os problemas? Eu gostaria de adiantar ao Sr. Fernando Spanghero que não venha me confundir com a candidata do presidente Lula. E mais: procure ler e entender o que vem sendo feito no país. **Dilma Carrasqueira** – Olinda – dilmacarrasqueira@yahoo.com.br

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 07 abr. 2010.

A bem dizer, a carta do leitor, no veículo de comunicação investigado – o *Jornal do Commercio* de Pernambuco –, mostrou-se um gênero porta-voz de queixas e denúncias, uma vez que as missivas predominantes têm como propósito central *reclamar*. Portanto, a maior parte dos sujeitos escreventes são os lesados ou prejudicados. Em geral, são os cidadãos comuns, “anônimos”, pois, como sabemos, as autoridades e as celebridades já têm o seu lugar reservado na mídia. Nesse contexto, lançando um olhar sobre os sujeitos que escrevem cartas ao *Jornal do Commercio*, identificamos, primeiramente, dois grandes grupos. No primeiro caso – pessoas físicas – trata-se de cidadãos que escrevem ao jornal para: reclamar de algum problema que lhes aflige em particular ou que atinge a comunidade onde vivem; tecer alguma crítica, quer seja a políticos, quer seja a personalidades do mundo artístico ou religioso; elogiar alguma pessoa ou feito ou ainda, mais especificamente, matérias do próprio jornal; sugerir algum tipo de solução para um determinado problema; buscar responder para problemas; alertar, solicitar, agradecer, dentre outros. No segundo grupo – pessoas jurídicas – observamos que se trata, predominantemente, de cartas que têm o objetivo de *prestar esclarecimentos*. Com efeito, são, em sua maioria, cartas-resposta que as instituições (sejam públicas ou privadas) enviam para os leitores que fizeram algum tipo de reclamação ou solicitação. É notável nesse tipo de missiva a preocupação que as instituições têm com a autoimagem perante a sociedade. A análise revelou, ainda, que, efetivamente, os gêneros são formas de ação social motivada por situações retóricas recorrentes (MILLER, 2009). Observemos os excertos abaixo.

Figura 3 – Carta do leitor como forma de ação social (I)

Gostaria de pedir à Prefeitura do Recife que tapasse milhares de buracos que se encontram um atrás do outro, no começo da Rua Quarenta e Oito, no Espinheiro. Os amortecedores e pneus do meu carro agradeceriam. Karyne B. Ferreira – Espinheiro – karynerouge@hotmail.com

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 24 mar. 2010.

Figura 4 – Carta do leitor como forma de ação social (II)

A Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (Emlurb) comunica à leitora Karyne Ferreira, que, ainda nesta semana será promovida uma Operação Tapa-buracos na Rua Quarenta e Oito, no bairro do Espinheiro. Assessoria de Imprensa da PCR

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 29 mar. 2010.

Nos fragmentos (3) e (4), notamos um diálogo entre a leitora e a instituição – a Prefeitura da Cidade do Recife. Com efeito, podemos perceber que a solicitação feita pela leitora provocou uma reação da instituição, levando esta a propor uma solução para o problema. Assim, trata-se de um agir pelo discurso que não se desvincula das práticas sociais, isto é, a carta do leitor serviu como uma forma de ação para resolver um problema social – a rua esburacada. Na nossa investigação, as cartas também foram analisadas do ponto de vista dos seus escreventes, considerando o espaço geográfico de onde o sujeito fala. Os dados aparecem sistematizados na tabela a seguir.

Figura 5 – Os escreventes de cartas do leitor – abordagem geográfica

| LOCAL                          | QUANTIDADE |
|--------------------------------|------------|
| Região Metropolitana do Recife | 212        |
| Interior de Pernambuco         | 010        |
| Outras Unidades da Federação   | 015        |

Fonte: Nunes, 2012, p. 93

A leitura da figura acima deixa entrever que os discursos que ecoam nas cartas analisadas não refletem a opinião do povo pernambucano em sua totalidade. As vozes que podemos ouvir, a partir desse gênero, nesse suporte, são predominantemente dos habitantes da capital do estado e do seu entorno. Ressaltamos que a maior parte dessas cartas foi enviada por e-mail, em virtude da viabilidade da tecnologia. Por outro lado, mais que o contexto geográfico, esses dados nos dizem muito sobre o sujeito no discurso: o lugar social a partir do qual ele fala, os papéis sociais que ele ocupa, o contexto sociossubjetivo do qual emergem essas cartas, a questão do acesso à mídia impressa, a politização do sujeito etc.

No plano discursivo, é ingenuidade pensar que a carta do leitor publicada no jornal é uma reprodução fiel do que foi enviado ao editor. Vejamos, na figura a seguir, um e-mail que, posteriormente, transformou-se em carta do leitor. Como estratégia tática de leitura, esclarecemos que os trechos em negritos foram eliminados pelo editor; os trechos sublinhados foram acrescentados pelo editor; e os trechos em itálico foram alterados ou adaptados pelo editor.

Figura 6 – E-mail que deu origem a uma carta do leitor

*Memória*

**De:** Valfrido Nunes ([fridoval@hotmail.com](mailto:fridoval@hotmail.com))  
**Enviada:** terça-feira, 25 de maio de 2010 13:45:26  
**Para:** Jornal do Commercio ([cartas@jc.com.br](mailto:cartas@jc.com.br))

Caro editor,

**Gostaria que encarecidamente fosse dispensada sua atenção à esta minha carta, uma vez que urge alertar as entidades responsáveis e mobilizar a população bonconselhense para uma conscientização sobre nossos patrimônios artístico-culturais.**

Bom Conselho, no Agreste, conhecida como "Terra de Papacaça", é mãe de grandes artistas. Quem nunca ouviu falar em Pedro de Lara? Pois bem, não se trata somente dele. Outras figuras ilustres são filhos de nossa terra, a exemplo do marechal, ex-governador de Pernambuco, **ex-senador da República, ministro da guerra, jornalista, romancista, contista e teatrólogo** Dantas Barreto. No entanto, o que **me** causa estranheza é o fato da nossa **querida** Bom Conselho não ter se (sic) **quer** um *local* onde se possa apreciar as obras desses *valores*. Quantos **de nós** já leram uma obra literária de Dantas Barreto? Ou ainda, quem é conhecedor do Livro da Sabedoria? Nesse sentido, venho por meio desta carta lamentar *que* a nossa identidade não está sendo construída devidamente. *Sem história, sem memória, sem cultura e, tampouco, sem literatura*. Já não é sem tempo construir um museu ou, ao menos, uma Casa de Cultura em Bom Conselho?

**Grato pela sua gentileza, aguardo publicação.**

*Valfrido Nunes - Bom Conselho/PE*

Fonte: Nunes, 2012, p. 99

A primeira observação a ser feita é em relação às partes negritadas no texto, uma vez que todas elas foram eliminadas. Como era de se esperar, foram suprimidas algumas informações, tais como: os dados referentes à data/horário de envio do e-mail, o vocativo, a solicitação do leitor – argumentando para que o editor publique sua carta –, bem como o fecho e a sigla do Estado. De fato, esses dados são dispensáveis para que a carta se adapte à diagramação do jornal. Entretanto, observamos que as eliminações seguiram alguns critérios: a maior parte dos apostos que caracterizavam o sintagma “Dantas Barreto” foram eliminados – “ex-senador da República, ministro da guerra, jornalista, romancista, contista e teatrólogo”, permanecendo apenas os dois primeiros; o pronome oblíquo “me” que marcava a subjetividade do autor da carta foi retirado, assim como a expressão “de nós”; o adjetivo “querida”, que tinha função emotiva, foi retirado; a palavra “quer” foi eliminada, talvez por descuido, pois prejudicou a estrutura sintática da oração.

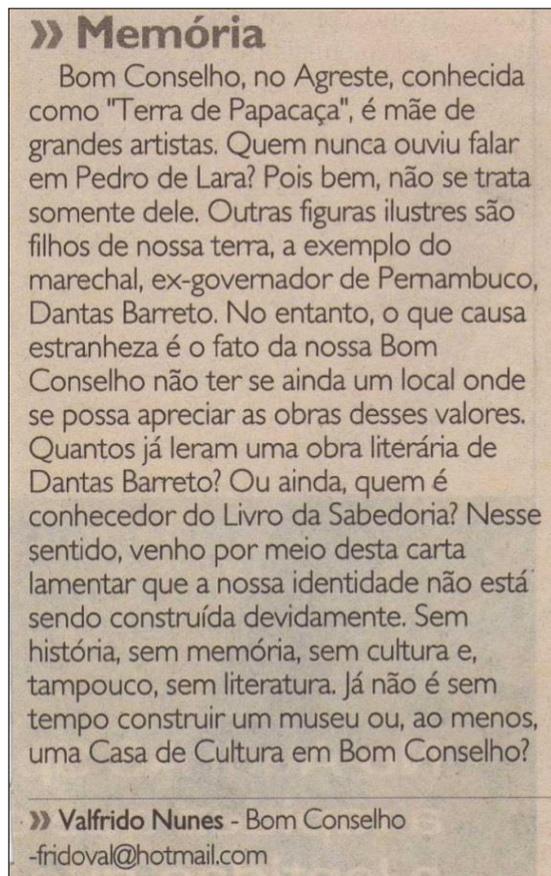
No que diz respeito às passagens sublinhadas, que são os acréscimos postos pelo redator do jornal, temos a expressão “no Agreste”, que funciona como um localizador geográfico, para o leitor que não sabe onde fica a cidade; “conhecida como”, uma expressão que cumpre a função de introduzir o aposto do nome da cidade “Terra de Papacaça”; a palavra “carta”, que já estava subentendida no texto original; a locução verbal “está sendo” e o advérbio “devidamente”, que entraram em cena para materializar a mudança que o editor fez no texto original do leitor.

Os trechos em itálico no texto apontam as passagens que foram alteradas ou adaptadas. A primeira delas é o título do texto, visto que a redação do jornal não aproveitou o assunto do e-mail “Patrimônio Cultural”, preferindo criar outro: “Memória”; nome do autor, cidade onde reside e e-mail para contato foram

adaptados ao padrão gráfico-visual das cartas no *design* do jornal; a palavra “local” encapsula “pequeno recinto”; a palavra “valores”, colocada em substituição a “artistas”, alterou semanticamente o que o leitor queria dizer, além de parecer estranha ao contexto; a conjunção integrante “que” em lugar da explicativa “pois”, mudou a orientação argumentativa do enunciado, além de o redator ter deixado o restante do enunciado nominalizado, o que parece meio desconexo.

Enfim, verificamos que, certamente, a *carta do leitor* sofre intervenções por parte de quem edita os textos recebidos e selecionados. Logo, concluímos ser a eliminação de informações, o acréscimo e as alterações parafrásticas, com predomínio do primeiro, os procedimentos mais comuns no processo de edição das cartas, o que evidencia que, de fato, a *carta do leitor* é um gênero que emerge de um processo de *retextualização* (MARCUSCHI, 2010). Na verdade, trata-se de um processo de retextualização da escrita para a própria escrita, implicando a mudança do gênero textual (NUNES, 2017b;c). Isso posto, vejamos como esse e-mail (a gênese de uma carta do leitor) foi transformado em uma carta autêntica publicada no jornal impresso, dois dias depois do envio do e-mail, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 7 – Carta publicada no jornal, a partir de um e-mail enviado pelo leitor



Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 27 maio 2010.

Ressaltamos que, por muitas e diversas razões, o jornal precisa tomar algumas medidas, tal com fazer uma seleção das cartas recebidas, já que todas não poderão ser publicadas, adaptá-las ao *layout* do jornal, dentre outros procedimentos. Na verdade, sabemos que esse monitoramento da voz do leitor e essa alegação da falta de espaço não são muito convincentes, pois quando a mídia quer publicar algo do seu interesse, não há restrição de páginas, muitas vezes com conteúdos bastante questionáveis, haja vista a possibilidade de publicação de matérias pagas e o abuso de anúncios publicitários. Eis aqui a prova do seu poder de manipulação e dos interesses capitalistas, dado que a imprensa é uma empresa que visa à rentabilidade.

A propósito do *continuum* tipológico dos gêneros, de que falara Marcuschi (2010), há de se concordar com o fato de que a carta do leitor é um gênero escrito, cujo registro é o formal distenso; todavia, marcas da oralidade são comuns nesse construto genérico, conforme evidenciam os exemplos a seguir.

Figura 8 – Marca da oralidade: o vocativo

Vamos melhorar os atendimentos aos clientes, Dona Celpe, as manutenções e a rapidez nos consertos, porque nesse caso demorou cinco horas para a situação se regularizar.  
Karyne Brito – Recife – karynerouge@hotmail.com

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 23 mar. 2010.

Figura 9 – Marca da oralidade: regionalismo/expressões idiomáticas

Não sei o motivo de tanto espanto diante da negativa dos deputados federais em votar no Projeto Ficha-Limpa. Afinal, espantoso seria esse “magote de sacripantas”, muito dos quais com um passado mais “sujo do que pau de galinheiro”, que tomaram de assalto a política brasileira, tivesse aprovado uma lei proibindo que as pessoas com ficha-suja, exatamente como a maioria deles tem, pudesse ser candidato a um cargo eletivo. **Júlio Ferreira** – Recife – julioferreira.net@gmail.com

Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 12 abr. 2010.

Figura 10 – Marca da oralidade: escolhas lexicais

Um amigo gaúcho ao visitar o Recife ficou impressionado com a esculhambação nas ruas. (...). Uma infinidade de carros de propaganda que só servem para infernizar a vida das pessoas. **Rivail V. Chaves** – Recife – rivailvc@click21.com.br

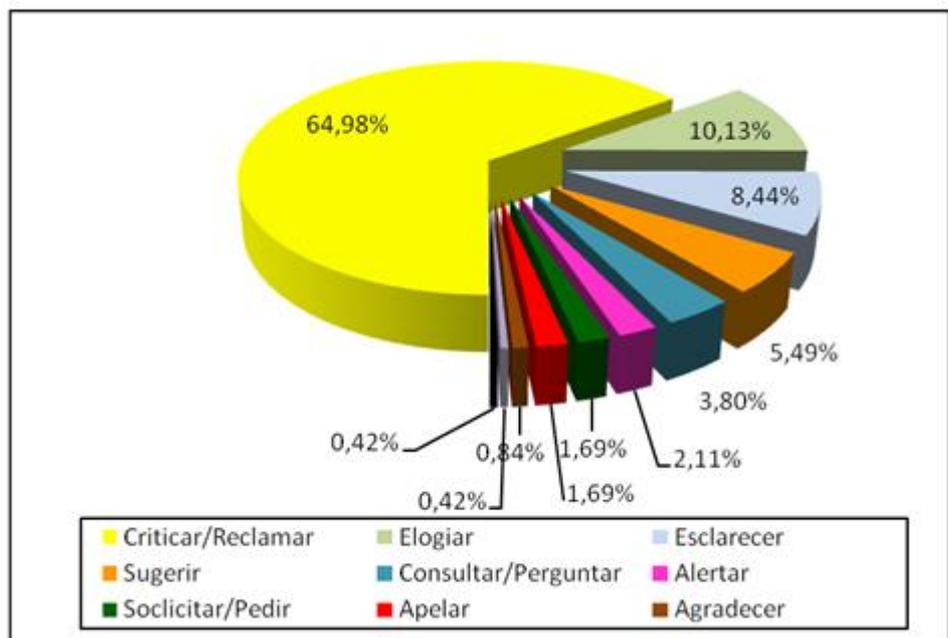
Fonte: *Jornal do Commercio*, Recife, 13 abr. 2010.

Os fragmentos (8), (9) e (10) comprovam que, a despeito de ser um gênero escrito, a carta do leitor apresenta traços da oralidade. Em (8), a forma como a leitora se refere à Companhia Energética de Pernambuco (CELPE), por meio do pronome “Dona”, confere um tom de informalidade e ironia ao texto; em (9), o

regionalismo “magote” (equivalente a “grupo”) e a expressão “mais sujo do que pau de galinheiro” (equivalente à “idoneidade questionável”) aproximam o texto escrito da conversação informal; em (10), as escolhas lexicais (“esculhambação” e “infernizar”) apontam para um brasileiroismo vulgar e uma metáfora clichê, respectivamente. Portanto, em se tratando da carta do leitor, “já não é possível delimitar dicotomicamente os limites fronteiriços entre *fala* e *escrita* nos usos efetivos da língua” (NUNES, 2011, p. 208).

Do ponto de vista de suas funções sociais, a carta do leitor funciona como um canal “aberto” que permite, de alguma forma, o contato entre mídia *versus* leitores e os leitores entre si. A bem dizer, ela cumpre um papel importante ao tornar pública a voz do leitor, que muitas vezes tenta fazer valer os seus direitos e deveres, como forma de exercício da cidadania. Essa funcionalidade, inserida em quadros sociológicos mais amplos, realiza-se no gênero por meio dos propósitos comunicativos subjacentes (SWALES, 1990; 2009). Na verdade, os leitores escrevem a partir de diferentes lugares sociais, com intenções muito variadas, as quais são manifestas por meio de seus discursos, os quais se materializam no gênero que estamos analisando. A bem da verdade, podemos afirmar que a carta do leitor é um gênero de múltiplos propósitos. Isso se deve, talvez, à sua natureza aberta, sem um padrão retórico rígido, como se fosse uma espécie de “conversa por escrito”. Logo, presta-se a muitas e variadas funções. Chama a atenção nesse gênero o fato de o propósito comunicativo mudar enquanto o gênero permanece o mesmo. Portanto, mesmo sendo um critério importante, o propósito comunicativo não é suficiente para definir uma carta do leitor como tal. O gráfico a seguir ilustra a heterogeneidade e versatilidade do gênero em estudo.

Figura 11 – Propósitos comunicativos do gênero carta do leitor



Fonte: Nunes, 2012, p. 101.

O gráfico acima mostra que a finalidade central da carta do leitor é, de fato, criticar/reclamar. Do ponto de vista linguístico, os propósitos comunicativos, anteriormente mostrados no gráfico, vêm marcados na *carta do leitor*, muitas das vezes, de forma bastante explícita, por meio de um verbo ou expressão verbal que indicam o ato de fala do sujeito escrevente. É o que podemos notar figura a seguir.

Figura 12 – Materialização linguístico-discursiva dos propósitos comunicativos na carta do leitor

“**Quero parabenizar** o JC pela entrevista com o engenheiro João Paulo Aguiar, relativa à anexação da Chesf pela Eletrobrás...”

"Em resposta à carta “Lâmpadas”, publicada nesse JC, a Prefeitura de Olinda **informa** ao leitor reclamante, que a Secretaria de Obras...”

“... **Sugiro** que o Dircon ou quem quer que seja, multe o proprietário.”

“... **Solicito** à SDS um maior policiamento naquele bairro onde os assaltos de duplas de motoqueiros são constantes.”

Fonte: Acervo da pesquisa.

Assim, é verdade também que todo texto, como ação de linguagem, materializado em um determinado gênero, como forma de ação social, tem público-alvo. Dito de outra forma, todo texto é escrito/fala por um “eu” para ser lido/ouvido por um “outro”. De fato, isso reflete o próprio dialogismo que é constitutivo da linguagem humana (BAKHTIN, 2003; 2009). Posto isso, convém frisar que a carta do leitor é um gênero que se destina a vários “outros”, isto é, a mais de um interlocutor. Primeiramente convém destacar que o primeiro destinatário deste gênero é o próprio editor da seção de cartas do jornal, que fica incumbido de ler, selecionar e publicar (ou não) as missivas recebidas, visto que a ele é dado este exercício de poder. Em segundo lugar, não podemos perder de vista que a carta do leitor, quando da sua efetiva publicação nas páginas do jornal, torna-se um gênero de caráter aberto. Logo, a qualquer um que tenha o mínimo de proficiência em língua portuguesa é possibilitado o acesso a esse gênero. Em terceiro lugar, muitas vezes o destinatário vem referido no próprio texto. Esta pista linguística é fundamental para compreendermos que o sujeito escrevente deseja se referir exatamente àquele interlocutor em particular, que geralmente são pessoas públicas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Asseveramos que um dos principais achados deste trabalho reside na constatação de que a carta do leitor, no suporte investigado, configura-se como um gênero bastante heterogêneo, servindo como materialização de intenções discursivas muito diversas. Diante dessa constatação, criticar/reclamar é o

propósito prototípico, ratificando que esse gênero, ao menos no suporte investigado, configura-se como uma “espécie de *muro das lamentações*” (LEMOS, 1979 [grifos no original]). Verificamos com a pesquisa que o propósito comunicativo e a situação retórica são importantes para a descrição do gênero, mas, no caso da carta do leitor existem outros fatores que precisam ser considerados, tais como as condições de produção, edição e publicação do gênero em estudo, as quais nos dizem muito sobre as relações de poder e de manipulação que a mídia detém. Acreditamos que um estudo como este enseja algum tipo de retorno social, ou melhor, ele pode contribuir para uma maior compreensão de como a linguagem humana organiza as práticas discursivas, principalmente na sua modalidade escrita, fornecendo subsídios, também, para o ensino da escrita significativa na escola.

## The reader's voice in Letters to the editor: a contextual approach

### ABSTRACT

This work results from a research which investigated how the letter from the reader works in the universe of printed mass media. The research aimed to describe and to analyse the letters from reader under a contextual-enunciative analysis. The methodological procedures used in the research are predominantly qualitative, supported by quantitative data on recurrences, based on the analysis of a corpus – consisting of 237 authentic specimens of the genre – collected from the *Jornal do Commercio de Pernambuco* during the first semester of the 2010. The theoretical foundations of the work are based on studies on genres, through the contribution of Bakhtin (1998; 2003), Swales (1990; 2009), Miller (2009), Marcuschi (2008; 2010), among others. The results revealed that the processes of production, editing and reception of this genre are complex, since several socio-ideological questions are embedded there.

**KEYWORDS:** Letter from the reader. Journalistic sphere. Contextual approach.

---

## NOTAS

1 A propósito, não estamos postulando, neste trabalho, uma separação radical entre as categorias *texto* e *discurso*. Embora sejam conceitos tomados como diferentes por uns e como sinônimos ou quase sinônimos por outros, estamos defendendo, com Marcuschi (2008, p. 81), que “não é interessante distinguir rigidamente entre *texto* e *discurso*, pois a tendência atual é ver um contínuo entre ambos como uma espécie de condicionamento mútuo”.

2 A questão da autoria em Mikhail Bakhtin é polêmica. Por diversas razões – pessoais ou políticas, no mundo soviético –, muitas das obras de Bakhtin aparecem assinadas, ora somente por ele mesmo, ora juntamente com seus seguidores, com relevo para Volochínov e Medvedev. No entanto, optamos por denominar – como o fazem muitos autores – toda a produção como sendo do Círculo de Bakhtin, citando conforme aparecem os nomes dos autores catalogados nas obras.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009. p. 221-243.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução feita do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga/Portugal, v.16, n. 2, p. 221-236, 2003.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

LEMOS, A. Cartas de leitores: cartas (ainda) fechadas. In: NEOTTI, C. (Org.) **Comunicação e consciência crítica**. São Paulo: Edições Loyola, 1979. p. 191-213.

LÜDKE, M.; ANDRÈ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**: gêneros jornalísticos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

MILLER, C. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: EDUFPE, 2009.

NUNES, V. S. O conceito de gênero em três tradições de estudos: uma introdução. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 19, n. 3, p. 7-29, set./dez. 2017a.

NUNES, V. S. Da escrita para a escrita: processos de retextualização na carta do leitor. **Letras Raras**, Campina Grande/PB, v. 6, n. 2, p. 115-131, 2017b.

NUNES, V. S. Cartas e carta do leitor: o que diz a literatura sobre o tema. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 158-178, dez. 2017c.

NUNES, V. S. Do sistema para o discurso: concepções de língua(gem) em Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin. **Porto das Letras**, Porto Nacional/TO, v. 3, n. 1, p. 8-27, 2017d.

NUNES, V. S. **O gênero carta do leitor no *Jornal do Commercio* de Pernambuco**: uma abordagem sociorretórica. 2012. 236 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

NUNES, V. S. Traços da oralidade no gênero carta do leitor. In: MELO, D. W.; SANTOS, M. F. O. (Org.). **Retórica e Análise da Conversação**: um encontro possível. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 197-211.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Trad. de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik, a partir do original russo, 1976.

**Recebido:** 10 jul. 2017

**Aprovado:** 18 fev. 2018

**DOI:** 10.3895/rl.v20n28.6693

**Como citar:** NUNES, Valfrido da Silva. A voz do leitor em Cartas à Redação: um estudo baseado nas análises de gêneros. *R. Letras*, Curitiba, v. 20, n. 28, p. 18-36, mar. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

